

10 nov 21 - Na COP fora da COP26, a esperança equilibrada

<https://www.sinaldefumaca.com/especiais/na-cop-fora-da-cop26-a-esperanca-equilibrada/>

Apesar do pessimismo diante do governo Bolsonaro e das lideranças mundiais, povos originários organizados, movimentos populares e a sociedade civil apontam caminhos para combater a mudança climática; e até ter alguma esperança. Por Rebeca Lerer* Acompanho reuniões e convenções da ONU desde 1997, quando cobri a Rio+5 como estagiária de comunicação da Fundação SOS Mata Atlântica. Quase 25 anos e dezenas de COPs e assembleias sobre Mudanças Climáticas, Direitos Humanos e Biodiversidade depois, sei bem que o sistema das Nações Unidas é limitado, imperfeito e insuficiente, funcionando como mais um espelho da crise socioambiental, humanitária e democrática proporcionada pelo modelo hiper capitalista que domina o planeta. No entanto, na COP que acontece fora da COP26, vi motivos que trazem esperança na construção de alternativas ao colapso climático em curso. Historicamente, essas reuniões burocráticas das convenções-quadro da ONU serviram como espaço de encontro e embate entre a pesquisa científica sobre o clima e as políticas macroeconômicas dos países. As COPs também direcionam o debate público e as narrativas oficiais sobre essa crise planetária. ONGs, movimentos sociais e ativistas participaram e disputaram esse processo desde o início. A sociedade civil, embora persistente, foi muitas vezes marginalizada e impedida de acessar os fóruns de tomada de decisão. A participação também foi desigual: COPs realizadas em países frios e distantes, dependendo de viagens muito caras, resultando em uma maioria de pessoas de padrão hegemônico branco, heteronormativo e ocidentalizado, perpetuando a lógica colonial que nos trouxe à atual #EmergênciaClimática. A #COP26 começou no dia 06 de novembro e entrou em sua segunda semana na Escócia carregando vários desses ranços históricos e estruturais. Em termos gerais, a expectativa é que as metas de redução de emissões, o dinheiro alocado para financiar soluções e adaptação e a vontade política que constarão da declaração final da COP26 sejam bem menores do que o momento exige. Como disse a nossa amiga Greta, é puro #blablablah. O Brasil bem que tentou performar imunizado em Glasgow porém o país está com o filme diplomático *and* as florestas queimadas; ninguém acredita mais no governo brasileiro (e tão errados?). No projeto Sinal de Fumaça; Monitor socioambiental, fizemos até um dossiê bilíngue chamado [#Governo Bolsonaro: Menos 30 Anos em 3](#); uma linha do tempo dos principais fatos da política anti-meio ambiente de Bolsonaro. Enviamos essa memória organizada aos delegados internacionais que participam da COP para que saibam o tamanho do desmonte bolsonarista e com quem estão lidando. E se de onde nada se espera é que não vem nada mesmo, assistindo de longe esta #COP26, me peguei jogando o jogo do copo meio cheio, principalmente pelo que tem rolado do lado de fora e para além dos corredores da conferência. A #COP fora da COP26; me deu seis #RazõesParaAcreditar: 3) FINALMENTE a **cobertura midiática sobre mudança climática se tornou diária**, constante e abrangente; e não mais meras notícias perdidas nas editorias de ciência e meio ambiente. Chamadas em capas de grandes portais, centenas de correspondentes, comunicadores comunitários, influenciadores, formadores de opinião, especiais na TV; nunca a atenção foi tão grande, nunca se gerou tanto conteúdo sobre o tema, nunca as #s subiram tanto no twitter. Como era de se esperar, as campanhas de desinformação, fake news e greenwashing explodiram de forma inversamente proporcional no ambiente digital, modernizando a tradição de negacionismo da mudança do clima praticada por corporações até o verão analógico passado; 2) Por falar nisso, o termo **GREENWASHING (maquiagem verde) voltou com tudo para a boca do povo**. Quem viveu os anos 90 e o início dos 2000 lembra das aulas de propaganda enganosa promovidas por corporações poluidoras como Monsanto, Dow Chemical, Exxon e Bayer, entre muitas outras, que disfarçavam os efeitos da poluição tóxica com campanhas publicitárias vencedoras de troféus em Cannes além de criar prêmios, bolsas e institutos para passar pano na própria imagem. Aos poucos, o marketing corporativo foi consolidando o uso de termos como #sustentabilidade; #economia verde; e #responsabilidade social; para limpar a imagem dessas empresas. Não por acaso, na mesma época, aqui no Brasil, parou-se de falar em #latifúndio; e #reforma agrária; e passou-se a usar #agronegócio; e #regularização fundiária; é estratégia de *branding* que chama. Nessa COP, iniciativas como o [EcoBot.net](#) estão rastreando e apontando greenwashing praticado por corporações nas redes digitais e dentro da própria conferência, que tem pavilhões e atividades financiadas por grandes poluidores. Não basta cobrar metas dos governos; as corporações também precisam ser responsabilizadas pela crise climática; 3) **INDÍGENAS na linha de frente, formando a maior delegação**

brasileira na história, marcando presença na abertura da COP26 com o discurso certo da [Txai Suruí](#), nas reuniões paralelas e marchas nas ruas de Glasgow com [Sonia Guajajara](#), [Joenia Wapichana](#), [Célia Xakriaba](#), Puyr Tembé e outras mulheres indígenas da [Apib](#) e da [ANMIGA](#), [Alice Pataxó](#) dando a letra sobre a luta pela terra na [COY](#) e todas elas, junto à centenas de lideranças africanas, asiáticas, das ilhas do Pacífico e da América do Norte, organizadas em resistência contra a destruição de seus territórios. A presença mais ampla de movimentos indígenas na COP26 também reflete maior financiamento e acesso à filantropia para esses grupos – como diz o ditado, “antes tarde do que mais tarde”; 4) **A luta ANTI-RACISTA como vértice da busca por justiça climática**, com participação direta de redes como o [Black Lives Matter](#) e a [Coalizão Negra por Direitos](#), que mandou uma delegação para Glasgow e publicou um forte [manifesto](#) pela demarcação dos territórios quilombolas brasileiros. Ver os amigos [Douglas Belchior](#), [Raul Santiago](#) pelo [Perifaconnection](#), [Marcelo Rocha](#) pelo [Fridays For Future Brasil](#), entre outras representações dos movimentos negros brasileiros, levantando as bandeiras do combate ao racismo ambiental e pela defesa da vida quilombola, periférica e favelada na COP26 em Glasgow é inspirador e um grande passo à frente para todos nós; 5) **O PROTAGONISMO JOVEM** em um assunto tão complexo, a capacidade de auto-organização do [#FridaysForFuture](#), os ícones [Vanessa Nakate](#), do [RiseUp Movement Africa](#), e [Greta Thunberg](#) dando o papo reto, a coragem da galera do [Engajamundo](#) e a sensatez fofo da pequena [Holly Brown](#) de apenas 8 anos, garotas que debatem com chefes de Estado ao mesmo tempo que formam enormes marchas populares do lado de fora da COP e em dezenas de países, são exemplos concretos de uma estética renovada, inspiradora e esperançosa na luta por justiça climática. Uma geração que já se cria sob as lentes do decolonialismo, do feminismo, da neurodiversidade, da ciência e da busca por igualdade. É muito emocionante viver esse momento histórico e precisamos apoiar essa juventude de todas as maneiras possíveis; 6) **A transversalidade das lutas, o fortalecimento das redes e conexões entre esses movimentos e o engajamento da juventude** parecem assustar mais as empresas e os governos do que eventos climáticos extremos como secas e enchentes. O tempo da política institucional e do mercado raramente acompanha o ciclo de evolução cultural da sociedade – são ritmos muito diferentes. Embora governos e empresas atuem na direção contrária, hoje, depois de décadas de muito trabalho de centenas de milhares de ativistas, pesquisadores, comunicadores, defensores de direitos humanos e cientistas, existe uma COMUNIDADE ampla, diversa, crítica e autônoma mobilizada contra a crise climática. Gente que sabe de quem é a culpa e o que é preciso fazer para manter o planeta habitável, e que isso só acontecerá com a redução da injustiça social e o fim do racismo. Os altos investimentos das grandes corporações e governos em tentar proteger sua imagem com slogans sofisticados e vazios como “net zero” e o envio de mais de 500 lobistas da indústria do petróleo à Glasgow, além do teatrinho do governo brasileiro promovido com apoio da agroindústria, indicam que eles estão sentindo a pressão. Quem produz bilhões de toneladas de CO2 tem que ter medo mesmo. Apesar de tudo, o lado bom de ser veterana desse rolê é conseguir perceber que, em vários aspectos, nos organizamos, resistimos e evoluímos. Que a situação seria bem pior sem os esforços coletivos da sociedade civil. Que estamos em uma esquina da história planetária e ainda podemos fazer alguma diferença, na esperança equilibrada de quem sabe que só a luta muda a vida. ***Rebeca Lerer, 44, é jornalista, ativista de direitos humanos e coordenadora do [Sinal de Fumaça- Monitor Socioambiental](#). [Esse texto foi publicado originalmente no site da Mídia Ninja como parte da cobertura colaborativa da COP 26.](#)** (Créditos da foto que ilustra a matéria: Caio Mota/Reprodução/Instagram @apiboficial)